SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

AGÊNCIA CENTRAL

APRECIAÇÃO Nº 078/230/AC/84

DATA : 4 Out 84.
ASSUNTO : ORIENTE MÉDIO . Relações da UNIÃO SOVIÉTICA com o mundo árabe.
ORIGEM : AC/SNI.
DIFUSÃO : CH/SNI.

Dois motivos levam a UNIÃO SOVIÉTICA a reclamar por **"legítimos interesses"** no ORIENTE MÉDIO: a proximidade geográfica e uma resposta ao envolvimento dos ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA na região. Os soviéticos buscam expandir sua influência a despeito de o mundo ocidental tentar frustar qualquer iniciativa política que inclua a URSS. A UNIÃO SOVIÉTICA opera de uma estreita base, ao manter relações significativas apenas com a SÍRIA, IRAQUE, IEMEN DO SUL, REPÚBLICA DO IEMEN e, em menor grau, com a LÍBIA. Por outro lado , não possui relações formais com os países do Golfo, a exceção o KWAITE, retraíram-se os contatos com o EGITO e é limitado o seu potencial, para pressionar ISRAEL. A afeição soviética ao movimento palestino é bem vista pelos países árabes, mas reconhecem que a UNIÃO SOVIÉTICA é inábil para uma efetiva mediação.

Para atingir a pretensão reclamada, a UNIÃO SOVIÉTICA tenta influir na remoção dos obstáculos políticos que sacodem a região:

- a crise libanesa ;
- a guerra IRÃ-IRAQUE ;
- a normalização das relações com o EGITO ;
- a crise da OLP.

Outros pontos hão de ser levados em conta, e superados, para permitir o enlace soviético na região: a incompatibilidade entre o

o islamismo e o marxismo e a maior atração econômica exercida pelo Ocidente. O maior óbice parece residir na invasão do AFEGANISTÃO, que deteriorou, severamente, o relacionamento com os Estados árabes. A despeito do apoio esporádico a partidos comunistas locais e movimentos dissidentes, tais como a "Frente Popular para a Libertação de de OMAN", os maiores esforços soviéticos orientam-se no sentido de melhorar a política ortodoxa e as relações comerciais. A causa soviética é favorecida pela falha do Ocidente em alcançar progressos na solução da disputa árabe-israelense e pelo ressentimento a um pretenso apoio a ISRAEL.

Para facilitar a penetração na área, a URSS tem procurado fornecer sistemas de armas sofisticadas, que os ocidentais têm recusado, mediante a oferta de créditos em termos vantajosos, quando necessário. Os soviéticos têm agido com c a u t e l a, q u a n t o ao apoio a alguns países árabes suscetíveis de negociar com ISRAEL, por razões de conveniência. Acredita-se que os líderes soviéticos não desejariam outro conflito árabe-israelense, a fim de evitar descrédito quanto à qualidade de seus equipamentos de guerra.

No caso de um ataque israelense à SÍRIA, a UNIÃO SOVIÉTICA poderia envolver-se além dos limites solicitados pelo Tratado de Amizade e Cooperação com aquele país e, não restariam dúvidas, teria de comprometer pessoal e equipamentos para a defesa daquele país. Se a SÍRIA enfrentasse uma derrota total, a UNIÃO SOVIÉTICA ver-se-ia coagida a ameaçar uma intervenção direta, com risco de uma resposta correspondente, por parte dos ESTADOS UNIDOS.

A conjuntura atual exibe um clima favorável à penetração da UNIÃO SOVIÉTICA no ORIENTE MÉDIO. A retirada dos fuzileiros norte-americanos do LÍBANO, o cancelamento do acordo israelense-libanês e a retomada de contatos políticos do Presidente GEMAYEL com o Governo sírio, se apresentam como claros insucessos da política norte-americana, a restaurar dúvidas sobre a confiabilidade dos ESTADOS UNIDOS, muito sentida pelos árabes conservadores, durante a queda do SHAH. Em verdade, os Estados árabes tornaram-se, cada vez mais, cientes de que os ESTADOS UNIDOS não desejam impor maiores exigências a ISRAEL, em proveito do Plano de Paz de REAGAN. Além dis

so, o Acordo Estratégico anunciado entre os EUA e ISRAEL, no final do ano de 1983, perante os árabes moderados, comprometeu a capacidade de os ESTADOS UNIDOS atuarem como mediadores. O processo de paz foi desgastado pela fragilização da autoridade de YASSER ARAFAT, sob pressão síria e dos palestinos radicais, pela desordenação dos árabes moderados, com as hesitações do Rei HUSSEIN, da JORDÂNIA, e em razão da perda de ímpeto provocada pelo processo eleitoral norte-americano.

A UNIÃO SOVIÉTICA tomou iniciativa no vácuo político e, em 30 de julho de 84, apresentou uma proposta para a solução negociada da questão do ORIENTE MÉDIO. É uma reedição ampliada dos planos de BREZHNEV, de Set 82, que confirmam o alinhamento soviético com o pensamento dos árabes. A principal proposição, uma conferência internacional, enquadra a UNIÃO SOVIÉTICA como a potência que busca a justiça para os palestinos. Os árabes moderados receberam de bom grado a proposta, mas não deixam transparecer um pouco de preocupação, por causa das objeções dos ESTADOS UNIDOS e ISRAEL. A SÍRIA nutre suas reservas sobre a intenção soviética de criar uma confederação entre o Estado palestino e a JORDÂNIA, e a LÍBIA critica a posição de MOSCOU quanto à firme aceitação dos direitos de existência do Estado de ISRAEL. Não obstante, esta última proposta elevou o desempenho da URSS nos assuntos regionais e poderá, provavelmente, ser objeto de debate na próxima Assembléia Geral das Nações Unidas.

Algum progresso é evidente no relacionamento bilateral da UNIÃO SOVIÉTICA. Desde março, a JORDÂNIA abandonou, efetivamente, a disposição de implementar algumas proposições dos Planos REAGAN e de FEZ. O Rei HUSSEIN tem sido um crítico da abordagem dos ESTADOS UNIDOS ao problema e procurou reconhecer o empenho soviético ao apoiar a sugestão de uma conferência internacional. Quando os EUA recusaram o suprimento de mísseis "Stinger", a JORDÂNIA voltou aos soviéticos para obter o reforço desejado para a sua defesa aérea. Não existem, porém, indicações de que HUSSEIN esteja mudando sua posição tradicionalmente pró-ocidente para alargar as relações com a UNIÃO SOVIÉTICA. Não resta dúvida que pretende, o Rei da JORDÂNIA, com o entendimento militar com a UNIÃO SOVIÉTICA, ajudar a persuadir os ESTADOS UNIDOS a reformar sua política árabe-israelense;

também, um relacionamento mais cordial com os soviéticos poderia gerar uma influência coercitiva nas pressões sírias contra o país.

De uma maneira similar ao caso jordaniano, foi a recusa norte-americana de fornecimento de mísseis "Stinger" ao KWAITE. Este assinou, então, um acordo de fornecimento com os soviéticos, o qual redundará na presença de alguns militares soviéticos, técnicos e instrutores no KWAITE e o treinamento de uns 200 kwaitianos na UNIÃO SOVIÉTICA. GROMIKO planeja visitar o KWAITE no outono, a primeira visita de um Ministro das Relações Exteriores soviético a um Estado do Golfo, se realmente acontecer. O KWAITE permitiu-se envolver pela UNIÃO SOVIÉTICA e seus aliados, no sentido de enfatizar o Não-Alinhamento e, segundo alegam, o risco de infiltração está controlado por enquanto. Contudo, o acordo de armamentos traz, para a UNIÃO SOVIÉTICA, uma significativa influência política. Embora outros países do Golfo critiquem os laços do KWAITE com os soviéticos, a tendência seria a de seguir um exemplo, um precedente muito sério, aliás.

O EGITO concordou recentemente em renovar a troca de embaixadores com a UNIÃO SOVIÉTICA. Tal gestão refletiria o desânimo egípcio em relação à política israelense e demonstraria a insatisfação com a preferência devotada pelos EUA a ISRAEL, no tocante à implementação do acordo de CAMP DAVID, na parte de ajuda financeira e relacionamento militar. O EGITO pode ajudar, como a JORDÂNIA, com o relacionamento próximo com a UNIÃO SOVIÉTICA, a pressionar os ESTADOS UNIDOS a aplicar uma ação mais positiva e alcançar uma solução mais ampla para o ORIENTE MÉDIO. Desta forma, a posição do EGITO não implica um realinhamento político em direção a MOSCOU. O EGITO sabe, por experiência, que não poderia receber dos soviéticos apoio financeiro comparável ao da atual assistência fornecida pelos ESTADOS UNIDOS. O EGITO, hoje, é inteiramente dependente aos norte-americanos e não desejaria abandonar CAMP DAVID nem interromper o momento de paz com ISRAEL.

O direto envolvimento sírio na política interna libanesa, desde o rompimento do acordo com ISRAEL, trouxe amplas oportunidades

para que os soviéticos se insinuassem nas facções que compõem o governo de coalizão do LÍBANO. Não obstante, ainda que pequenos grupos de esquerda e o Partido Comunista libanês vejam com bons olhos a influência direta dos soviéticos no LÍBANO, as lideranças principais, em particular os cristãos, não desejariam uma associação tão próxima com a UNIÃO SOVIÉTICA.

Os soviéticos têm procurado estender relações diplomáticas com outros países do Golfo além do KWAITE, sem conseguir progressos, a curto prazo. A ARÁBIA SAUDITA é um alvo difícil, por causa da sua prevenção quanto às intenções dos soviéticos e porque sua condição de liderança no mundo islâmico é naturalmente hostil à doutrina marxista. A influência soviética nos assuntos internos na República Árabe Popular do YEMEN, e as freqüentes atitudes desestabilizadoras deste país em relação aos vizinhos são fatos adcionais que vêm dificultar o desenvolvimento das relações com os sauditas e os países vizinhos. A República Árabe do YEMEN faz uso de seus contatos com os soviéticos, como uma maneira de pressionar os sauditas. Tendo falhado ampliar suas relações diplomáticas no Golfo, a URSS agora concentra-se, através de sua embaixada no KWAITE,no estabelecimento de missões comerciais permamentes, particularmente nos Emirados Árabes Unidos. Ao mesmo tempo, a Aeroflot e agências marítimas russas já estão estabelecidas no Golfo.

A guerra IRÃ-IRAQUE continua a constituir um embaraço para a política soviética. Embora a UNIÃO SOVIÉTICA reassumisse seu antigo compromisso com o IRAQUE, quando o IRÃ recuperou a iniciativa da guerra, o regime iraquiano tenta relevar o recuo soviético no início da guerra. Os soviéticos, provavelmente, se interessam em cultivar relações com o IRÃ pós-revolucionário. Suas tentativas têm alcançado um sucesso muito incipiente e a repressão ao Partido Tudeh, após a revelação de seus contatos clandestinos com a UNIÃO SOVIÉTICO, deixou sérios ressentimentos. Recentes iniciativas iranianas trouxeram modesta melhoria nas relações entre os dois países.

As relações soviéticas com a SÍRIA, seu principal aliado no ORIENTE MÉDIO, não seriam destituídas de problemas, porém ofe-

receram-se considerávelmente vantajosas para ambos e não parecem enfraquecer-se. A SÍRIA continua a perseguir seus interesses próprios, em assuntos tais como o relacionamento com a OLP e a reabertura do oleoduto SÍRIA-IRAQUE, a despeito das pressões soviéticas. A recordação do exemplo egípcio, em 1972, é sempre motivo de inquietação em termos de manutençao do compromisso de longo-prazo assumido pela SÍRIA.

No tocante à OLP, torna-se evidente o interesse de reativá-la como um instrumento soviético a mais, na política do ORIENTE MÉDIO. O assunto OLP é, porém, bastante delicado, em razão de controvérsia que suscita no mundo árabe.

A UNIÃO SOVIÉTICA havia alertado a Organização para decidir o conflito interno por meios pacíficos e preservar a sua unidade, mas teve o cuidado de fazê-lo mediante uma postura imparcial, sem pender para qualquer dos lados em disputa.

Na política em relação à OLP, a UNIÃO SOVIÉTICA não poderá esquecer a posição-chave da SÍRIA, uma vez que a revolta contra ARAFAT, no seio da FATAH, foi potencializada com a ajuda maciça desse país e da LÍBIA. Foi, portanto, necessário encontrar uma fórmula de conciliação que contasse com a aprovação de todos. A UNIÃO SOVIÉTICA não exclui a linha dura **"vis-à-vis"** ISRAEL e tem instado ARAFAT a alcançar um acordo com os sírios.

Desde a retirada de ARAFAT de TRÍPOLI e seu encontro com o Presidente egípcio MUBARACK - bem visto pelos soviéticos, embora com certa reserva -, nota-se uma intensa atividade entre soviéticos e países do bloco soviético com as organizações da OLP, o que vem comprovar as tentativas de mediação da URSS. Para os soviéticos, essa movimentação ainda não significa uma garantia à posição de ARAFAT; ele terá, provavelmente, que esperar até que a sua enfraquecida posição se estabilize outra vez, antes que possa repetir as viagens triunfais a MOSCOU.

A inquietude causada pelo aprofundamento das relações soviéticas com certos países árabes pode reverter em ganho para os in

teresses do Ocidente. Os árabes moderados esperam que um envolvimento maior dos soviéticos na política regional possa motivar os ocidentais a renovar os esforços políticos no sentido de revigorar os laços com as nações islâmicas, para contrabalançar o efeito desfavorável representado pelo apoio continuado a ISRAEL. Na ausência de iniciativas positivas do Ocidente na disputa árabe-israelense, crescem as oportunidade soviéticas no ORIENTE MÉDIO e os governos árabes moderados tendem a ser questionados por sua política ocidental. Nestas ciscunstâncias, outros países do Golfo, incluídos os sauditas, poderão seguir o KWAITF e estabelecer relações diplomáticas com a UNIÃO SOVIÉTICA.

* * *

NOTA DA SE-623

ÀS FLS	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
07	OLP	ORGANIZAÇÃO PARA LIBERTAÇÃO DA PALESTINA (OLP)
07	FATAH	AL FATAH